

Desenganos da vida humana metaforicamente

É a vaidade, Fábio, nesta vida,
Rosa, que da manhã lisonjeada,
Púrpuras mil, com ambição dourada,
Airosa rompe, arrasta presumida.

É planta, que de abril favorecida
Por mares de soberba desatada,
Florida galeota empavesada,
Sulca ufana, navega destemida

É nau enfim, que em breve ligeireza
Com a presunção de Fênix generosa,
Galhardias apresta, alento preza:

Mas ser planta, ser rosa, nau vistosa
De que importa, se aguarda sem defesa
Penha a nau, ferro a planta, tarde a rosa?

(Gregório de Matos , séc XVII)

A Banca do Distinto

Não fala com pobre, não dá mão a preto

Não carrega embrulho

Pra que tanta pose, doutor?

Pra que esse orgulho?

A bruxa, que é cega, esbarra na gente

E a vida estanca

O enfarte lhe pega, doutor

E acaba essa banca

A vaidade é assim, põe o bobo no alto

E retira a escada

Mas fica por perto esperando sentada

Mais cedo ou mais tarde ele acaba no chão

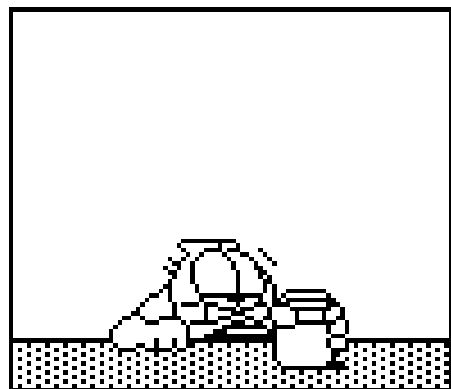
Mais alto o coqueiro, maior é o tombo do
coco afinal

Todo mundo é igual, quando a vida termina

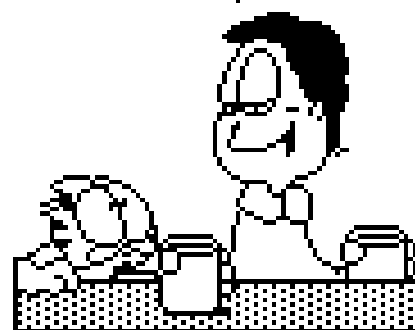
Com terra em cima e na horizontal

(Billy Blanco séc XX)

GARFIELD/Jim Davis



**Feliz
segunda-
feira.**



**A mãe de
todos os
oxímoros...**



"Folha de S. Paulo", 31 de julho de 2000.

(ENEM)-OXÍMORO (ou PARADOXO) é uma construção textual que agrupa significados que se excluem mutuamente. Para Garfield, a frase de saudação de Jon (tirinha abaixo) expressa o maior de todos os oximoros. Nas alternativas abaixo, estão transcritos versos retirados do poema "O operário em construção". Pode-se afirmar que ocorre um oximoro em

- a) "Era ele que erguia casas Onde antes só havia chão."
- b) "... a casa que ele fazia Sendo a sua liberdade Era sua
 escravidão."
- c) "Naquela casa vazia Que ele mesmo levantara Um mundo
 novo nascia De que sequer suspeitava."
- d) "... o operário faz a coisa E a coisa faz o operário."
- e) "Ele, um humilde operário Um operário que sabia Exercer a
 profissão."

(MORAES, Vinícius de. "Antologia Poética." São Paulo: Companhia das Letras, 1992.)

Ladrões

Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo mar Eriteu a conquistar a Índia: e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício: porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: Basta, senhor que eu porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em toda uma armada, sois imperador? Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. (...) O ladrão que furta para comer, não vai nem leva ao inferno: os que não só vão, mas levam de que eu trato, são outros ladrões de maior calibre e de mais alta esfera; os quais debaixo do mesmo nome, do mesmo predicamento, distingue muito bem São Basílio Magno.

Não são só ladrões, diz o santo, os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própira e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos; os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor nem perigo; os outros, se furtam, são enforcados, estes furtam e enforcam.

(Pe. Vieira)

a) Qual o estilo empregado?

b) O raciocínio básico do texto estrutura-se em um paradoxo. Indique-o.

A Uma Crueldade Formosa

A minha bela ingrata

Cabelo de ouro tem, fronte de prata;

De bronze o coração, de aço o peito;

São os olhos luzentes,

Por quem choro e suspiro,

Celestial safiro;

Os beijos são rubis, perlas os dentes

A lustrosa garganta

De mármore polido,

A mão de jaspe, de alabastro a planta

A Maria dos povos, sua futura esposa

Discreta, e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo a qualquer hora
Em tuas faces a rosada Aurora,
Em teus olhos e boca, o Sol e o dia:

Enquanto com gentil descortesia
O ar, que fresco Adônis te namora,
Te espalha a rica trança voadora,
Quando vem passear-te pela fria:

Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo trota a toda ligeireza,
E imprime em toda a flor sua pisada.

Oh, não aguardes, que a madura idade
Te converta essa flor, essa beleza
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.
(Gregório de Matos)

Buscando o Cristo Crucificado um Pecador com Verdadeiro Arrependimento

A vós correndo vou, braços sagrados,
Nessa cruz sacrossanta descobertos,
Que, para receber-me, estais abertos,
E, por não castigar-me, estais cravados.

A vós, divinos olhos, eclipsados
De tanto sangue e lágrimas cobertos,
Pois, para perdoar-me, estais despertos,
E, por não condenar-me, estais fechados.

A vós, pregados pés, por não deixar-me,
A vós, sangue vertido, para ungir-me,
A vós, cabeça baixa, pra chamar-me.

A vós, lado patente, quero unir-me,
A vós, cravos preciosos, quero atar-me,
Para ficar unido, atado e firme.

Ofendi-vos, Meu Deus, bem é verdade,
É verdade, meu Deus, que hei delinquido,
Delinqüido vos tenho, e ofendido,
Ofendido vos tem minha maldade.

Maldade, que encaminha à vaidade,
Vaidade, que todo me há vencido;
Vencido quero ver-me, e arrependido,
Arrependido a tanta enormidade.

Arrependido estou de coração,
De coração vos busco, dai-me os braços,
Abraços, que me rendem vossa luz.

Luz, que claro me mostra a salvação,
A salvação pretendo em tais abraços,
Misericórdia, Amor, Jesus, Jesus.
(Gregório de Matos)